

**A MORTE DE DEUS E O RENASCIMENTO DO SAGRADO: NOVAS COSMOLOGIAS
RELIGIOSAS NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E DA FILOSOFIA PÓS-
METAFÍSICA**

Miquéias Pontes¹

Resumo

Este artigo investiga como o anúncio nietzschiano da “morte de Deus” não culminou no fim do religioso, mas em seu deslocamento e renascimento em novas configurações cosmológicas. Através de uma metodologia hermenêutica e analítico-descritiva, articula-se a crítica pós-metafísica da filosofia com a observação empírica das Ciências da Religião. Conclui-se que o sagrado ressurge em movimentos e espiritualidades alternativos, oferecendo respostas à busca de sentido num contexto de dessacralização institucional, caracterizado pelo pluralismo e pela subjetivação da experiência religiosa.

Palavras-chave: Dessacralização. Pluralismo religioso. Nihilismo ativo. Espiritualidades alternativas. Subjetivação do sagrado.

1 INTRODUÇÃO

A declaração nietzschiana “Deus está morto” não representa apenas um diagnóstico sobre o fim da religião, mas constitui-se como profética análise da transformação radical das estruturas de significado no mundo moderno. Este trabalho objetiva examinar como esse “anúncio da morte” tornou-se, paradoxalmente, condição de possibilidade para o renascimento do sagrado em novas configurações cosmológicas que escapam aos modelos tradicionais de religiosidade institucional.

¹ Doutor em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia pela mesma instituição. Especialista em Ética pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor de Ensino Superior dos Cursos de Teologia, Ciências da Religião e Teologia EAD da Faculdade Boas Novas (FBN). E-mail: miqueias.pontes@fbnovas.edu.br

A hipótese central sustenta que a crítica nietzschiana à metafísica ocidental, longe de erradicar definitivamente o fenômeno religioso, abriu caminho para sua reconfiguração pluralista e subjetivada. A investigação articula perspectivas das Ciências da Religião com a filosofia pós-metafísica, demonstrando que o “renascimento do sagrado” manifesta-se através de novas espiritualidades que respondem às demandas existenciais da sociedade contemporânea.

2 A MORTE DE DEUS E O RENASCIMENTO DO SAGRADO

O anúncio da "morte de Deus" representa o ápice de um longo processo de racionalização que remonta aos primórdios da filosofia ocidental. Desde os pré-socráticos, a razão empreendeu gradual substituição das explicações mitológicas por interpretações naturalísticas da realidade. Essa racionalização intensificou-se com o Iluminismo, culminando na crítica nietzschiana que expôs a fragilidade dos fundamentos metafísicos da cultura ocidental.

O cristianismo, segundo Nietzsche, promoveu a negação da vida terrena ao privilegiar dimensões transcendentais: “O cristianismo diz que tudo neste mundo é menos importante do que o que está no mundo após a morte. Diz também que devemos nos afastar do que parece importante nesta vida e tentar transcendê-la. Mas, ao fazer isso, nós nos afastamos da própria vida” (Buckingham et al., 2011, p. 216). Esta crítica revela como a perspectiva cristã tradicional teria promovido uma separação dualística entre sagrado e profano, negando a imanência do divino na experiência humana concreta.

A racionalização não eliminou completamente o impulso religioso, mas forçou sua reconfiguração. A visão mitológica, despojada de seus fundamentos metafísicos absolutos, encontrou novos canais de expressão que não dependem mais da autoridade institucional ou da verdade revelada, mas da experiência subjetiva e da busca individual de sentido.

A provocativa declaração nietzschiana “A ideia de ‘homem’ do cristianismo nos enfraquece. E, além do mais, Deus está morto! Devemos superar essa ideia limitadora” (Buckingham et al., 2011, p. 216) não constitui afirmação ontológica sobre a inexistência divina, mas diagnóstico cultural sobre a perda de eficácia dos valores transcendentais tradicionais na orientação da vida humana.

A “morte de Deus” significa que os sistemas de valores baseados em autoridades transcendentais perderam sua capacidade de fornecer orientação unívoca para a existência humana. Isso não implica o desaparecimento da dimensão religiosa da experiência, mas sua transformação radical. O que “morre” é uma forma específica de religiosidade caracterizada pela heteronomia, pela submissão acrítica à autoridade externa e pela negação da autonomia humana.

Contudo, essa “morte” paradoxalmente libera espaço para novas manifestações do sagrado. Quando os sistemas religiosos tradicionais perdem sua hegemonia cultural, emergem formas alternativas de espiritualidade que respondem às mesmas demandas existenciais fundamentais: a busca de sentido, a necessidade de transcendência e o anseio por conexão com dimensões que ultrapassam a mera materialidade.

A crítica nietzschiana visa revelar e questionar os pressupostos inconscientes que fundamentam nossas crenças religiosas e morais. Marcondes (2010, p. 249) observa que Nietzsche busca desmascarar o processo de religiosidade enquanto mecanismo de “submissão” e “controle”, propondo a restauração dos “valores primitivos perdidos” através da superação das dicotomias morais tradicionais, simbolizada na expressão “além do bem e do mal”.

Esta análise genealógica das crenças não as destrói simplesmente, mas as contextualiza historicamente, revelando sua natureza contingente e construída. Tal perspectiva abre possibilidades para a emergência de novas formas de religiosidade que não se baseiam em verdades absolutas ou

autoridades incontestáveis, mas em experiências significativas e escolhas conscientes.

A revelação dos pressupostos também demonstra que o impulso religioso possui dimensões antropológicas fundamentais que transcendem suas configurações históricas específicas. Mesmo quando determinadas formas de religião perdem credibilidade, o núcleo existencial que as motivava permanece ativo, buscando novas vias de expressão e realização.

3 NOVAS COSMOLOGIAS RELIGIOSAS NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O processo de secularização, longe de eliminar a religião, promoveu sua transformação e pluralização. Gaarder, Hellern e Notaker (2005, p. 272) descrevem como “com o avanço da industrialização e da ciência no último século, surgiram novas explicações não religiosas para o curso dos eventos”, resultando na perda de influência das religiões tradicionais em áreas crescentes da vida social e cultural.

Entretanto, essa secularização não conduziu ao desaparecimento da experiência religiosa, mas à sua reconfiguração fora dos marcos institucionais tradicionais. Emergem espiritualidades alternativas que incorporam elementos de diversas tradições, criando sínteses inéditas que respondem às demandas específicas da sensibilidade contemporânea. Essas novas cosmologias religiosas caracterizam-se pela flexibilidade, pela personalização e pela recusa de autoridades dogmáticas externas.

A nova espiritualidade manifesta-se através de movimentos como a Nova Era, o neopaganismo, as filosofias orientais adaptadas ao contexto ocidental, as terapias holísticas e os sincretismos religiosos diversos. Tais fenômenos revelam que a sede de transcendência e significado permanece ativa mesmo em contextos secularizados, encontrando novos canais de expressão que não dependem das mediações institucionais tradicionais.

A emergência de novas cosmologias religiosas desafia a Teologia tradicional a repensar seus fundamentos metodológicos e epistemológicos. Hock (2010, p. 209) observa que a predominância da Teologia Dialética,

embora tenha contribuído para o desenvolvimento da relação entre Teologia e Ciências da Religião, também reforçou “o perigo de que a Teologia se isolasse das outras ciências, por causa de sua rejeição ao método histórico-religioso”.

Esta tendência ao isolamento mostra-se inadequada diante da diversificação do campo religioso contemporâneo. A Teologia necessita abrir-se ao diálogo interdisciplinar, incorporando os insights das Ciências da Religião, da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia para compreender adequadamente as transformações em curso. Tal abertura não implica abandono da especificidade teológica, mas enriquecimento de sua capacidade compreensiva através do diálogo com outras disciplinas.

A nova situação exige que a Teologia desenvolva hermenêuticas capazes de interpretar tanto as tradições históricas quanto os fenômenos religiosos emergentes. Isso demanda superação de abordagens exclusivamente confessionais em favor de perspectivas que reconheçam a legitimidade e a significatividade das diversas expressões do sagrado.

As Ciências da Religião enfrentam o desafio de compreender fenômenos religiosos que escapam às categorizações tradicionais. Hock (2010, p. 209) define seu objeto como “processos, atitudes e sistemas verificáveis, da compreensão dos fiéis das distintas religiões, conforme sua autocompreensão [...] mas não de coisas válidas”. Esta perspectiva empiricamente orientada oferece instrumentos valiosos para a análise das novas espiritualidades.

Contudo, a proliferação de movimentos religiosos híbridos, sincréticos e altamente individualizados exige refinamento dos métodos de investigação. As categorias analíticas desenvolvidas para o estudo das religiões institucionalizadas mostram-se insuficientes para apreender fenômenos caracterizados pela fluidez, pela bricolagem simbólica e pela ausência de estruturas organizacionais definidas.

As Ciências da Religião devem desenvolver novas abordagens metodológicas capazes de capturar a dinâmica das espiritualidades

contemporâneas sem reduzi-las a esquemas interpretativos inadequados. Isso inclui atenção especial aos processos de subjetivação religiosa, às redes informais de socialização espiritual e aos novos modos de autoridade baseados na experiência pessoal em vez da tradição institucional.

4 NOVAS COSMOLOGIAS RELIGIOSAS NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA PÓS-METAFÍSICA

Friedrich Nietzsche emerge como “dessacralizador dos valores tradicionais e profeta do homem novo”, sendo simultaneamente “crítico impiedoso do passado e profeta 'inatural' do futuro” (Reale; Antiseri, 2005, p. 4). Seu projeto filosófico não se limita à destruição dos valores tradicionais, mas visa sua transmutação radical através da criação de novas possibilidades existenciais.

A declaração “Deus está morto: Nós o matamos; eu e vós. Somos seus assassinos!” não constitui celebração da destruição, mas reconhecimento trágico da responsabilidade humana pela criação de significado num universo desprovido de fundamentos transcendentais absolutos. Esta “morte” libera a humanidade para a criação autônoma de valores, mas também a confronta com o peso dessa responsabilidade criativa.

Zaratustra anuncia não apenas a morte de Deus, mas “sobre suas cinzas exalta a ideia do super-homem, repleto do ideal dionisíaco, que ama a vida e que, esquecendo o ‘céu’, volta à sanidade da ‘terra’”. Esta perspectiva não elimina a dimensão sagrada da experiência, mas a realocaliza na imanência, na afirmação criativa da vida e na capacidade humana de criar sentido e beleza.

Rocha (2010, p. 156) sugere que “assumir essa metáfora nietzschiana, que a morte de Deus diz a morte da metafísica e no surgimento do super-homem vê emergir o imperativo da vida concreta, pode levar o discurso teológico para outro caminho que não aquele da univocidade essencialista”. Esta reinterpretação abre possibilidades inéditas para o pensamento religioso.

A “morte de Deus” não elimina a problemática religiosa, mas a reposiciona. Em vez de buscar fundamentos metafísicos absolutos, a reflexão religiosa pode concentrar-se na análise das condições existenciais que tornam significativas as experiências do sagrado. Isso representa passagem da ontoteologia para uma abordagem fenomenológica e hermenêutica dos fenômenos religiosos.

Tal reposicionamento possibilita nova aproximação entre filosofia e teologia, baseada não na subordinação de uma à outra, mas no diálogo mutuamente enriquecedor. A filosofia pós-metafísica oferece instrumentos críticos para a purificação do discurso religioso de suas pretensões dogmáticas, enquanto a experiência religiosa proporciona à filosofia acesso a dimensões da realidade humana que escapam à racionalização puramente conceitual.

A sociedade pluralista contemporânea caracteriza-se pela coexistência de múltiplas visões de mundo, nenhuma das quais pode reivindicar hegemonia cultural absoluta. Neste contexto, Rocha (2010, p. 144) observa que “a fé religiosa não depende de uma prova ou de uma justificação filosófica. A linguagem religiosa trabalha com símbolos, e símbolos não se diluem num sistema filosófico argumentativo”.

Esta perspectiva reconhece a especificidade da experiência religiosa sem isolá-la do diálogo racional. O “ato religioso caracteriza-se por uma certeza irrefletida da presença daquele a quem se dirige na oração”, não se baseando “numa prova filosófica”. Contudo, isso não implica anti-intelectualismo, pois “o mundo no qual existimos sempre será mais amplo e mais rico que o da racionalidade científica e filosófica” (Rocha, 2010, p. 144).

A superação da modernidade não significa retorno pré-crítico às autoridades tradicionais, mas desenvolvimento de formas pós-críticas de espiritualidade que integram os insights da crítica moderna sem se deixar reduzir por ela. Tal integração manifesta-se nas novas cosmologias religiosas que combinam elementos tradicionais com insights contemporâneos,

criando sínteses inéditas que respondem às demandas específicas da sensibilidade atual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação demonstrou que o anúncio nietzschiano da "morte de Deus" não conduziu ao desaparecimento do fenômeno religioso, mas à sua radical transformação. A crítica pós-metafísica, longe de eliminar a dimensão sagrada da experiência humana, liberou-a de suas configurações dogmáticas tradicionais, possibilitando o surgimento de novas cosmologias religiosas caracterizadas pelo pluralismo, pela subjetivação e pela criatividade simbólica.

As Ciências da Religião proporcionam instrumentos empíricos valiosos para a compreensão desses fenômenos emergentes, enquanto a filosofia pós-metafísica oferece marcos teóricos adequados para sua interpretação. A convergência dessas perspectivas revela que o "renascimento do sagrado" constitui resposta criativa às demandas existenciais fundamentais da condição humana, que persistem mesmo em contextos secularizados.

A nova situação exige diálogo renovado entre filosofia e teologia, baseado não em subordinação mútua, mas em colaboração crítica que reconheça tanto a legitimidade da investigação racional quanto a irreduzibilidade da experiência religiosa. Tal diálogo pode contribuir para o desenvolvimento de formas mais sofisticadas de compreensão da condição humana que integrem dimensões cognitivas e existenciais frequentemente separadas pelo pensamento moderno.

O fenômeno do "renascimento do sagrado" confirma que a busca de transcendência e significado constitui dimensão antropológica fundamental que não pode ser eliminada pela crítica racional, mas apenas transformada e refinada. As novas cosmologias religiosas representam tentativas criativas de responder a essa demanda existencial em contextos culturais que já não oferecem respostas unívocas ou autoridades incontestáveis.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, Will et al. *O livro da filosofia*. Tradução: Douglas Him. São Paulo: Globo, 2011.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOCK, Klaus. *Introdução à ciência da religião*. Tradução: Monika Ottermann. São Paulo: Loyola, 2010.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção História da filosofia, 6).

ROCHA, Alessandro. *Introdução à filosofia da religião: um olhar da fé cristã sobre a relação entre filosofia e a religião na história do pensamento ocidental*. São Paulo: Vida, 2010.